

MARILENE ZICARELLI MILARCH
BIBLIOTECA PÚBLICA DO PR
RUA CANDIDO LOPES, S/N
CORTESIA 13
BO.020-901 CURITIBA 01 /PR

ANO 01 Nº 09

RS 2,00

hora H

junho 96 seg 10 ter 11 qua 12 qui 13 sex 14 sab 15 dom 16

**O crime
de Guaratuba
não pode ficar
sem resposta**

Leia em *Bastidores*

AS BRUXAS DE GUARATUBA



**DELEGADO
DESAFIA:
O CORPO
ENTERRADO
NÃO É DE
EVANDRO**

Leia a
entrevista
exclusiva
do delegado
Luis Carlos
de Oliveira
a partir da
página 20

"De quem é o corpo mutilado de uma criança, sem olhos, sem orelhas, sem pênis, sem alguns dedos dos pés, sem as mãos, sem um só fio de cabelo ou pêlo, encontrado em 11 de abril de 1992, em Guaratuba, supostamente assassinado em ritual de magia negra? Eu não acredito que seja de Evandro Caetano."

Luis Carlos de Oliveira, delegado atestado do caso

"Quem pula de galho em galho só fica conhecendo a floresta."

(Sabedoria oriental)

Guaratuba: perguntas que exigem respostas

Ao trazer de volta as investigações dos crimes de Guaratuba, **hora H** buscou recuperar um caso que, muito além do interesse humano, tem ainda uma série de perguntas sem resposta.

O tempo decorrido tem a vantagem de propiciar uma abordagem isenta, distante do clima de comoção popular que se criou na época. Um período negro na história do Estado, quando não só se criou um clima de inquisição medieval, como se assistiu autoridades defendendo linchamento de suspeitos, uma versão moderna de "fogueira para as bruxas".

Política, vaidade, e interesses estranhos contaminaram de forma muito séria o andamento das investigações do caso, a ponto de a melhor solução, hoje, ser a retomada das investigações praticamente da estaca zero.

Nesta segunda reportagem sobre o caso das "Bruxas de Guaratuba", **hora H** traz o

corajoso depoimento do delegado Luís Carlos de Oliveira, um policial que coloca sua carreira em risco para tentar chegar à verdade.

O delegado Oliveira respondeu as 12 perguntas sem respostas levantadas por **hora H** a respeito dos crimes de Guaratuba. Para demonstrar a complexidade do caso, o próprio delegado levantou novas questões ainda mais complicadas.

São questões gravíssimas ainda envolvidas em mistério. Para se ter uma idéia, o delegado Oliveira duvida que o pequeno corpo enterrado em Guaratuba seja do menino Evandro Caetano.

Vidas foram destruídas, reputações arruinadas e famílias amaldiçoadas. Além do horror dos crimes cometidos, a sociedade paranaense não pode continuar convivendo com a suspeita de que está se cometendo uma pavorosa injustiça.

Olha quem está falando!

Política parece ser a arte de simular o esquecimento dos próprios atos, confiando no esquecimento alheio. O ex-governador Álvaro Dias, entrevistado pelo programa "Sala Exclusiva", resolveu criticar supostos excessos na área de propaganda institucional do atual governo. Nenhum problema quanto ao exercício saudável da crítica por parte de quem foi colocado na oposição pelo voto popular. Mas Álvaro Dias fazer críticas a propaganda de governo é amnésia ou deboche. Nunca na história do Paraná um governo investiu tanto na autopromoção quanto no governo Dias. Obcecado com a idéia de sair candidato a presidente da República, o ex-governador não perdia uma única oportunidade de se promover às custas dos cofres públicos.



ABRINDO A CAIXA PRETA

O vereador Marcelo Almeida conseguiu uma importante vitória na luta que trava para tornar mais transparente os métodos de administração do Legislativo Municipal. Uma liminar obtida por Almeida contra o presidente da Câmara, Iris Simões, vai obrigá-lo a abrir a contabilidade da Casa.

GASTOS DIVULGADOS

Eufórico com a liminar, Marcelo Almeida, comemora: "O Iris Simões não vai poder continuar escondendo quanto a Câmara gasta e no quê. Vai ter de mostrar, na frente do juiz, quanto é gasto em funcionários em comissão, publicidade e locação de veículos".

DEMOCRACIA SEM SEGREDO

Para o vereador, gestão democrática não combina com segredo, especialmente quando se refere ao manuseio do dinheiro público. Dentro desse contexto, acredita que a decisão de conceder a liminar, o juiz tomou uma decisão de importância histórica.

CAMPO MINADO

Para chegar a ser candidato do PSDB a prefeito de Curitiba, Carlos Simões vai ter de atravessar um autêntico campo minado, com obstáculos de toda ordem. As minas mais violentas são as que o esperam nesta semana, nos poucos dias que restam até a convenção tucana do dia 15. Simões pode até chegar lá, mas a maioria aposta que vai mesmo é morrer na praia.

EMPREGO ARREPIA TUCANO

O grande obstáculo para os candidatos do PSDB nessa eleição vai ser explicar ao eleitor por que o Plano Real trouxe o desemprego como efeito colateral. Preocupado com a questão o governo federal elaborou uma cartilha para orientar seus candidatos sobre como contornar esse problema sem perder votos e sem queimar o filme de FHC.

PMDB EM GUERRA

A destituição do presidente municipal do PMDB, Pedro Longo, é dada como certa entre os partidários da pré-candidatura de Efluário Requião. A degola já tem data marcada.

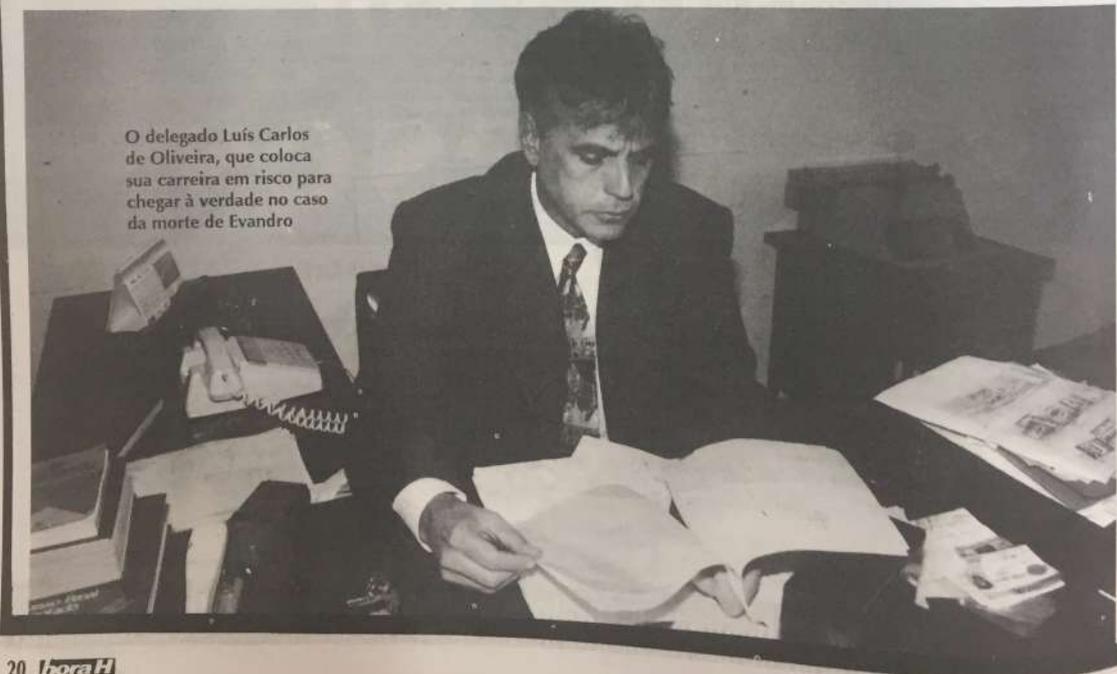
AS BRUXAS DE GUARATUBA

CADÁVER MUTILADO DE CRIANÇA TIRA O SONO DE UM DELEGADO

"De quem é o corpo mutilado de uma criança, sem olhos, sem orelhas, sem pênis, sem alguns dedos dos pés, sem as mãos e totalmente escalpelado, sem sobrancelhas e sem um só fio de cabelo ou pêlo no corpo, que foi encontrado em 11 de abril de 1992, num matagal próximo da casa do pequeno Evandro Caetano, supostamente assassinado em ritual de magia negra, no dia 7 de abril de 92, em Guaratuba?" A pergunta é do delegado Luis Carlos de Oliveira que participou das investigações policiais na época do crime.

ONDE ESTÁ EVANDRO?

O delegado Luis Carlos de Oliveira, que coloca sua carreira em risco para chegar à verdade no caso da morte de Evandro



AS BRUXAS DE GUARATUBA

"Não vou descansar enquanto o caso não ficar esclarecido e os verdadeiros culpados forem denunciados"

POR VANIA MARA WELTE

Quatro anos depois, e mesmo afastado do caso após defender posição contrária à presidência dos autos, a pergunta ainda é feita pelo delegado Luís Carlos de Oliveira, hoje responsável pela Delegacia de Desvios de Cargas e Estelionato, em Curitiba. Sobre o corpo mutilado de criança achado em Guaratuba, em 1992, ele declara: "Eu não acredito ser aquele o cadáver do pequeno Evandro Caetano". Mesmo assim, um fato choca a opinião pública: a existência "brutal" de um corpo mutilado de criança.

PISTAS FALSAS?

Próximo ao cadáver do pequeno tinha um chinelo e uma chave da casa de Evandro. Para o delegado Oliveira, como o corpo estava "praticamente irreconhecível, um ou dois pertences da suposta vítima poderiam ajudar a conduzir as investigações", deduz. E levanta, ainda, mais uma questão: "Se os supostos culpados confessaram ter assassinado Evandro Caetano, por que deixaram de indicar o local onde colocaram o corpo mutilado e os órgãos retirados?"

Mas as perguntas do delegado Oliveira não terminam aí. Ele também indaga "por que razões pessoas tão perversas e más, que não deixaram um sinal sequer do crime cometido, não se livraram do corpo, atirando-o na imensa quantidade de água existente nas vizinhanças do local do crime?" E, ainda, "por que o deixaram num local de tão fácil acesso e, ao lado, de pertences da suposta vítima?"

Estas são perguntas sem respostas que, muitas vezes, já tiraram o sono do delegado Oliveira nestes mais de quatro anos de investigações, complicações e "injustiças".

TROCA DE VÍTIMA?

O delegado Luís Carlos de Oliveira entrou no caso, em 1992, para realizar as acareações entre todos os acusados. Ele lembra que, antes do desaparecimento do menino Evandro Caetano, havia sumido - em fevereiro do mesmo ano - outro garoto da mesma idade (sete anos), Leandro Bossi. Ao ver o corpo mutilado, encontrado pela polícia em um matagal perto da casa dos Caetano, o pai de Leandro, João Bossi, disse que parecia ser o do filho dele.

"Inclusive, a polícia recebeu telefonemas anônimos de que o corpo encontrado era de Leandro e não de Evandro", revela Oliveira. Por isso, ele sugeriu a realização de exame de DNA. "Ora, a polícia não pode se basear num prato feito, fácil, tem de investigar a fundo", entende. O exame foi, "finalmente", solicitado pelo delegado Ricardo Noronha, que presidia o inquérito policial na época.

ALTOS CUSTOS

Oliveira queria também que o exame de DNA fosse estendido aos pais de Leandro Bossi. O que não foi feito. Mas os dois primeiros exames não foram conclusivos. "O que entendemos como negativos", explica, acrescentando que os resultados não foram divulgados. O delegado ressalta que apenas a conclusão do terceiro exame foi mostrada, após quase cinco meses, quando o necessário são cerca de 30 dias.

Além da demora para a realização do exame de DNA, outro ponto chamou a atenção do delegado: O seu custo, muito alto para a época. "Custou US\$ 20 mil, quando se sabe que o preço de um exame de DNA fica em torno de US\$ 2 mil". E levanta mais uma dúvida: "Por que foi tão caro?"

Além disto, Oliveira ainda quer saber por que o material, para o referido exame, não foi colhido na frente de advogados? E como se isto fosse pouco para colocar em cheque todas as acusações, Oliveira faz mais uma revelação e uma pergunta.

QUEM VESTIU O CADÁVER?

Ele conta que, depois de algum tempo que os acusados foram presos, em um lugar pantanoso, em Guaratuba, uma outra ossada de criança foi achada. Estava vestida com as roupas de Leandro Bossi. A ossada foi levada para exames e o resultado deixou todos perplexos. A perícia constatou tratar-se de uma menina e não de um menino. Então, surgem mais algumas questões: "Quem teria colocado as roupas de Leandro Bossi naquele cadáver e por quê?"

O posicionamento claro e rebelde do delegado Luís Carlos Oliveira o afastou do caso oficialmente e o fez perder algumas promoções, mas mesmo assim, ele confessa que não desistiu das investigações. "Não vou descansar enquanto o caso não ficar esclarecido e os verdadeiros culpados forem denunciados", diz. Ele afirma que já tem novas pistas. E dá uma dica, que mais parece um enigma: "Quem arma a farsa, tem escondida a verdade e, mais cedo ou mais tarde, a verdade vai aparecer", garante.

FALHAS E VAIDADES DIRIGEM INVESTIGAÇÕES

O delegado Luís Carlos de Oliveira - que participou das investigações no caso do suposto assassinato do garoto Evandro Caetano, em Guaratuba, onde foram acusados Beatriz e Celina Abagge, David dos Santos, Airtom Bardelli, Oswaldo Marceneiro e Sérgio Cristofolini, presos em 2 de julho de 1992 - denuncia inúmeras falhas nas investigações. "O trabalho foi parcial e direcionado", acusa.

Ele assegura que "o caso anômalo, culminou com a Polícia Militar invadindo residências, prendendo pessoas sem antecedentes criminais e arrancando confissões".

O delegado relata que "todas estas ações foram provocadas após denúncia ao Ministério Público formulada por Diógenes Caetano, o conhecido inimigo político e pessoal da família Abagge".

ORIGEM DA DENÚNCIA

A denúncia foi, então, levada ao secretário estadual de Segurança Pública da época, José Favetti, que ordenou que o caso fosse passado à Polícia Militar. "A PM foi à Guaratuba, invadiu casas, prendeu cidadãos que informaram depois ter confessado o crime sob torturas e sevícias", lembra Oliveira, que entrou no caso para realizar as acareações necessárias.

O delegado afirma que, "mesmo antes de aparecer um corpo, já se apontava Celina e Beatriz Abagge como assassinas de Evandro, fato que já não é comum". Ele aponta o principal acusado: "Diógenes Caetano".

Depois do encontro do cadáver pela Polícia Militar, foi designado o Grupo Águia - polícia especial da PM. Oliveira testemunhou que a partir daquele momento, "todas as ações policiais foram direcionadas por Diógenes Caetano, que inclusive apontou o nome de cada um dos acusados, que deveriam ser presos, como de fato o foram".

"FOI UMA ARMAÇÃO"

Ao entrar no caso, o delegado Oliveira relata que percebeu ser tudo uma farsa. "Havia muita mentira, dados sem fundamentos, que não se confirmavam por que faltava consistência". Ele recorda que, já no início das investigações, havia dúvidas quanto à identidade do cadáver da criança.

Dúvidas levantadas até pelo próprio pai do primeiro garoto desaparecido em Guaratuba, "João Bossi (o pai) disse que o cadáver parecia ser o do filho dele, Leandro, e não o de Evandro Caetano", depõe.

Além disto, Oliveira considerou o caso muito simples. "O corpo estava em lugar de fácil acesso e, ainda, com pistas bem visíveis", alega. Até hoje, o delegado desconfia que alguém subestimou a inteligência de todos. Argumenta que, anos depois, ainda há muitas questões sem respostas. "São mais do que as doze levantadas pelo Jornal Hora H", assegura.

"Se os supostos culpados confessaram o assassinato, por que deixaram de indicar o local do corpo mutilado e os órgãos retirados?"

"A polícia não pode se basear num prato feito, fácil, tem de investigar a fundo"

segue na pág 22 >>

AS BRUXAS DE GUARATUBA

OS DOIS LADOS DE UM SÓ CRIME

Como reconhece a própria Sheila Abagge - filha de Celina e irmã de Beatriz Abagge, as duas mulheres acusadas do suposto crime de Guaratuba e presas, junto com os outros acusados, desde 2 de julho de 1992 -, todo o fato guarda duas ou mais versões. **hora H** tentou ouvir e saber a posição de pessoas denunciadas pela prática de tortura contra os acusados e das autoridades envolvidas no fato.

O primeiro a ser procurado foi o Capitão da Polícia Militar, Valdir Copetti Neves, atualmente chefe da Segunda Seção, no Comando do Policiamento do Interior, em Curitiba. Ele foi gentil, mas se recusou a prestar qualquer declaração. "Tenho um comando superior, o coronel Daniel Cezar Mainguê. Ele pode falar sobre o assunto", desculpou-se.

SEM MORDAÇA

A reportagem procurou o comandante da Polícia Militar do Paraná, coronel Daniel Cezar Mainguê. Ele respondeu às perguntas e foi taxativo: "Jamais impedi qualquer soldado, ou oficial, de responder sobre questões pessoais, apenas não podem falar em nome da corporação, mas no caso do capitão Neves, ele poderia falar se quisesse".

O coronel Mainguê deixou claro também que seria irresponsabilidade tecer qualquer comentário sobre as denúncias de torturas. Alegou que o caso foi acompanhado na época por promotores, pela juíza, houve inquérito sobre os fatos e está encerrado. "Hoje o caso já está em outra esfera, na judicial e, no momento, é o único Poder que pode decidir", resumiu.

SÓ UMA AÇÃO POPULAR

O secretário de Estado da Segurança Pública, Cândido Martins de Oliveira, também foi entrevistado. Ele seguiu a mesma linha de pensamento do coronel Mainguê. "Não há condições legais de rever o caso de denúncias de torturas", disse.

Lembrou que houve sindicância, na ocasião, para esclarecer a questão, que já está encerrada. "Não há como reabrir o caso, que já está nas mãos da Justiça", insiste. Mas apontou uma saída: "Apenas uma ação popular poderá reabrir a questão das denúncias de torturas".

NADA A DECLARAR

O presidente do inquérito, na época, delegado Ricardo Noronha, que também foi afastado do caso e removido para Foz do Iguaçu, está de volta a Curitiba. Hoje, ele dirige o Ins-

tituto de Identificação do Paraná, no bairro das Mercês, e também foi ouvido.

"Não me manifesto mais sobre este caso, que hoje pertence à Justiça, no Fórum de Guaratuba", enfatizou. Retorçou que a fase do inquérito policial já foi vencida e que a ação penal está "sub-júdice".

Argumentou que tentar, agora, falar qualquer coisa sobre o assunto pode ser prejudicial, porque pode haver um fato novo desconhecido dele. "E eu posso incorrer em algum erro, portanto cabe agora ao promotor e ao juiz de Guaratuba falarem sobre o caso", apontou.

JULGAMENTO NO FINAL DO ANO

O promotor Antônio Cioffi de Moura também foi procurado. Mas não pôde ser entrevistado porque um júri está ocupando todo o tempo dele, em Curitiba. Além do promotor Cioffi, ainda foi procurada a juíza Anésia Edith Kowalzik, no Fórum de Guaratuba.

A juíza Anésia está afastada, em licença médica. No lugar dela falou o juiz que a substituiu no Fórum de Guaratuba, Fábio Caldas. Ele assegurou que não há qualquer novidade sobre o assunto. Mas adiantou que "até o final do ano, o caso será julgado". Disse que há um pedido feito pela própria juíza Anésia, de desafogar o caso de Guaratuba. E explicou a razão deste pedido.

DESAFORAMENTO

A juíza entende, e ele também que o Fórum de Guaratuba é pequeno demais diante das proporções alcançadas pelo caso. "Não há assento para acomodar todas as pessoas que, por certo, vão querer assistir ao julgamento, também não há salas suficientes para isolar as testemunhas, umas das outras e, além do mais, julgar no município, onde ocorreu o crime, seria muito difícil por todas as questões emocionais que envolvem o caso", esclarece.

Relatou que o processo está em andamento, com vistas às partes. Há apenas pequenas mudanças. Disse que o promotor público designado era Antônio Cioffi de Moura. Mas ele foi afastado recentemente do caso. Explica que, desta forma, "automaticamente, assume o promotor que atua na Comarca de Guaratuba, Paulo Bueno da Luz".

Mas poderá ser trocado se houver outra designação pelo procurador-geral da Justiça, Olympio de Sá Sotto Maior. Mas o juiz acredita que "o atual promotor, ainda não teve tempo para tomar ciência do processo". Acrescenta que há outros processos também em andamento na Comarca.

Citou os casos do desabamento do edifício Atlântico, no município, e do teleférico de Matinhos. "Guaratuba, definitivamente, não é uma Comarca típica de litoral", atesta o juiz Caldas que só está no local há apenas dois meses e já sentiu o peso da toga.

Oliveira responde as 12 perguntas do **hora H**

O delegado Luís Carlos Oliveira, que investiga até hoje o desaparecimento e suposto assassinato dos pequenos Leandro Bossi e Evandro Caetano, ocorridos em Guaratuba, em 1992, responde as perguntas levantadas pelo hora H - que acrescentou mais uma indagação, às doze da semana passada - e amplia o número de perguntas que estão sem respostas há mais de quatro anos.

hora H - Era um dos denunciadores de Beatriz e Celina Abagge e dos outros acusados, o cidadão Diógenes Caetano, conhecido inimigo pessoal e político do então prefeito de Guaratuba, Aldo Abagge?

Delegado Luís Carlos de Oliveira - Diógenes Caetano fez a denúncia contra todos os acusados no Ministério Público. Não posso responder mais a fundo esta questão. Mas quem armou a farsa esconde consigo a verdade e, mais cedo ou mais tarde, a verdade vai aparecer.

hora H - Ele (Diógenes) conhecia métodos de investigação por ter pertencido à polícia?
Oliveira - Hoje, Diógenes é engenheiro formado. Mas ele deve ter tido instruções neste sentido porque pertenceu aos quadros da polícia. Mas a polícia, tanto a civil como a militar, é competente o suficiente para não precisar de um Diógenes da vida para direcionar as investigações. Não acha?

hora H - Por que motivo a juíza de Guaratuba (Anésia Edith Kowalzik) obsteu o prosseguimento das investigações que tinham como uma das suspeitas Valentina Teruggi, da Seita Luz?

Oliveira - Quem pediu a prisão provisória de Valentina Teruggi fui eu. Na época do desaparecimento das duas crianças houve necessidade desta medida. Mas, na seqüência das investigações, vi que nada podia ser provado contra ela. Ela nada tinha a ver com o caso. Só isto.

hora H - Por que não se estabeleceu um nexo entre a estada de Valentina no Estado do Paraná quando crianças foram mutiladas em rituais - com o caso de Guaratuba, e nem se buscou semelhanças nos métodos utilizados?

AS BRUXAS DE GUARATUBA

e aumentam as dúvidas...

MAIS 10 PERGUNTAS SEM RESPOSTAS

Oliveira - Os Teruggi, como já disse, nada tinham a ver com o caso de Guaratuba. E os verdadeiros responsáveis se encontram ainda no palco do teatro. Ou, por que não dizer? No picadeiro do circo. Pode descartar Valentina. Não existe nenhum indício da participação dela e de seu grupo no caso de Guaratuba.

hora H - Se Beatriz e Celina Abagge foram presas e acusadas com base em confissões, diante de quem estas confissões foram obtidas e em que circunstâncias?

Oliveira - Has é quem devem responder.

hora H - As prisões de Cristofolini e de Bardelli, que jamais confessaram o crime, foram baseadas em quê?

Oliveira - Não fui eu quem presidiu o inquérito. Mas tudo foi baseado na confusão e na complexidade de tornar o caso mais difícil e de complicar o esclarecimento do suposto crime. Quanto maior o número de pessoas indicadas e acusadas, mais difíceis ficam os álbis e, por consequência, o esclarecimento dos fatos.

hora H - O que aconteceu com o menino Leandro?

Oliveira - Acredito, baseado em anos de exercício policial e nos fatos, que Leandro possa ser a criança encontrada mutilada, próxima à casa dos Caetano, e que dizem ser o corpo de Evandro Caetano. Não ponho té no último resultado dos exames de DNA divulgados.

hora H - E quem matou Leandro?

Oliveira - Ficarã, com certeza, esclarecido também, no futuro próximo.

hora H - Existiram crianças dadas em adoção em Guaratuba, quantas e onde se encontram?

Oliveira - Não tenho conhecimento.

hora H - Por que o corpo de Evandro foi abandonado em um local de fácil acesso para ser encontrado com vestes que permitissem a sua identificação?

Oliveira - Se estas pessoas acusadas tivessem assassinado Evandro, não teria sido mais fácil desovã-lo nas águas de Guaratuba? O corpo foi deixado com os chinelos ao lado e, junto com as chaves da casa dos Caetano, para tentar provar que se tratava mesmo de Evandro. f só isto. Inclusive, as chaves só apareceram nos autos, um dia depois de eu ter questionado sobre tudo isto.

hora H - Como desapareceu o resultado da sindicância, da Secretaria da Segurança, sobre torturas, denunciadas por Celina e Beatriz Abagge?

Oliveira - Não sei. Mas posso fazer outras perguntas ainda não respondidas...

1

Por que a polícia teria de seguir indicações de Diógenes Caetano, se tem competência para agir sozinha?

2

Por que não foram feitos outros exames de DNA, necessários para a investigação e esclarecimentos do caso?

3

Diante de quem foram feitas a coleta de material para o exame de DNA?

4

Por que não foram divulgados os dois primeiros resultados, não conclusivos, de exames de DNA, que para mim querem dizer negativos?

5

Por que o último exame levou entre quatro a cinco meses para ser realizado, quando se sabe que são necessários cerca de 30 dias apenas?

6

Por que custou US\$ 20 mil, quando o valor normalmente cobrado fica em torno de US\$ 2 mil? Por que custou tão caro? Pagou o que ou quem?

7

Se as pessoas confessaram o crime contra Evandro, por que não confessaram também o local onde teriam escondido o corpo e os órgãos retirados do cadáver?

A outra ossada de criança, encontrada em lugar pantanoso, em Guaratuba, depois que os acusados já estavam presos, estava vestida com roupas do garoto Leandro Bossi. E após exames periciais, verificou-se, surpreendentemente, tratar-se do corpo de uma menina. Então, são necessárias mais três perguntas:

8

Quem vestiu com as roupas de Leandro Bossi aquele pequeno cadáver?

9

Qual a identidade daquela menina?

10

Quem tem a verdade escondida debaixo da grande farsa que montou?

O delegado ainda não tem todas as respostas a estas perguntas. Mas já guarda indícios, pistas. "Podem estar certos, os véus estão sendo levantados e chegaremos lá", assegura. Sem mágoas, ele afirma que, naquela época, jogou com 20 anos de carreira profissional ao questionar tanto. "Fui afastado do caso e perdi promoções, mas não perdi o orgulho profissional". Agora, não oficialmente, confessa que continua no caso. "Ainda investigo e estou cada vez mais perto da verdade, vou chegar lá", promete.

Hora H #10 – 17/06 a 23/06/1996

Continuação reportagens Vânia, com destaque na capa e repercussão na seção de cartas dos leitores e Bastidores.